



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O LÚDICO COMO FERRAMENTA PSICOPEDAGÓGICA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NO COTIDIANO ESCOLAR DE UMA CRIANÇA COM SÍNDROME DE ASPERGER EM UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL DE PARINTINS-AM

Fernanda de Melo Coelho; Daniel Silva Brandão; George Hoffermand Rizzat Gomes de Souza;
Denilson Diniz Pereira

*Universidade Federal do Amazonas-UFAM, nanda_rizzat@hotmail.com; kasaimori.daniel@gmail.com;
george_hoffermand@hotmail.com; denilsondiniz@ufam.edu.br.*

Resumo: Este artigo é o resultado final de um projeto de pesquisa, tendo como finalidade compreender o lúdico como ferramenta psicopedagógica no processo de ensino e aprendizagem no cotidiano escolar de uma criança com Síndrome de Asperger em uma escola estadual de Parintins-Am. Tendo por objetivos específicos: identificar como a escola trabalha com o aluno com Síndrome de Asperger, descrever a importância da utilização do lúdico nos conteúdos escolares, desenvolver atividades lúdicas que auxiliam na interação social, comunicação e comportamento do aluno com a Síndrome de Asperger. Durante doze meses observou-se o cotidiano do aluno e seus professores de classe comum do ensino regular e multifuncional, o qual dialoga os possíveis conteúdos escolares por meio do lúdico com esse aluno, pois a utilização do lúdico pode apresentar uma perspectiva essencial para se trabalhar com o nosso objeto de pesquisa, visto que, as atividades lúdicas ajudam na construção de novos conhecimentos, contribuindo para um melhor amadurecimento cognitivo, afetivo, psicomotor e linguístico, estimulando o seu desenvolvimento de novas habilidades, assim, promovendo sua interação social. Neste pensar é de fundamental importância criar um ambiente acessível para que este processo ocorra, estimulando o ensino e respeitando o tempo da criança.

Palavras Chaves: Lúdico, Síndrome de Asperger, Ensino e Aprendizagem.

Introdução

A presente pesquisa é o resultado final do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica-PIBIC da Universidade Federal do Amazonas-UFAM. Tendo por objetivo geral: Compreender o lúdico como ferramenta psicopedagógica no processo de ensino e aprendizagem no cotidiano de uma criança com Síndrome de Asperger em uma Escola Estadual de Parintins-Am. Por objetivos específicos: Identificar como a escola trabalha com o aluno com Síndrome de Asperger; Descrever a importância da utilização do lúdico nos conteúdos escolares; Desenvolver atividades lúdicas que auxiliam na interação social, comunicação e comportamento do aluno Síndrome de Asperger.

Vivemos em um momento em que as políticas públicas no Brasil orientam no sentido de que todos, ou ao menos a maior parte das pessoas com algum tipo de necessidades educacionais



especiais estejam incluídos em escolas regulares de ensino, faz-se mais do que necessário instrumentalizar os professores no sentido de que tenham informações básicas sobre como lidar com essas pessoas em sala de aula, no que diz respeito aos procedimentos pedagógicos e as como conduzir-se frente aos problemas comportamentais presentes. Diante disso, surgem as seguintes inquietações: Como a escola trabalha com a inclusão do aluno com Síndrome de Asperger? Os conteúdos escolares são trabalhados por meio do lúdico? De que forma são utilizadas e desenvolvidas as atividades lúdicas e qual é sua frequência?

Segundo Amorin (2011), as crianças com Síndrome de Asperger apresentam dificuldades em interagir com outros alunos, é pouco empática, apresenta comportamento excêntrico, sua maior dificuldade é na socialização, tornando-se solitária. Há prejuízo na coordenação motora e na percepção visuoespacial.

Refletindo nesses comprometimentos devido a síndrome, este trabalho dialoga o lúdico como uma ferramenta psicopedagógica no processo de ensino e aprendizagem dessa clientela, propondo por meio de atividades lúdicas um melhor aprendizado, pois, Maluf (2009, p. 22) destaca que: “a atividade lúdica é a ação que pode propiciar a plenitude da experiência, por isso proporciona prazer ao ser humano, seja como exercício, como jogo simbólico ou como jogo de regras”. É nessa perspectiva de atividades lúdicas, que todos podem aprender de forma dinâmica e prática.

Para a realização desse trabalho foi empregado o método de abordagem dialético, pois aprofundar-se o mundo dos fenômenos através de sua ação recíproca, da contradição inerente ao fenômeno e da mudança dialética que ocorre na natureza e na sociedade. O tipo de pesquisa sendo a abordagem do problema é de cunho qualitativo, já que apresenta um maior contato entre o pesquisador e o instrumento a ser pesquisado. A pesquisa segundo o ponto de vista dos procedimentos técnicos será a Pesquisa-Ação, exigindo o desenvolvimento ativo do pesquisador e ação por parte das pessoas ou grupos envolvidos no problema. Sendo como método de procedimento o Estudo de Caso, visando a descobertas e buscando retratar a realidade de forma complexa e profunda. Os instrumentos de coleta de dados utilizados foram observação participante e entrevista semiestruturada. Apresentando como sujeitos envolvidos: aluno com Síndrome de Asperger, professores da sala regular e multifuncional.

Portanto, o propósito deste trabalho foi mostrar que por meio do lúdico, podem ser desenvolvidas atividades que proporcionem a criança com Síndrome de Asperger um novo recurso em seu ensino e aprendizagem, possibilitando uma nova visão sobre a utilidade das atividades lúdicas no contexto escolar, objetivando assim o aprendizado eficaz dessas crianças.



Metodologia

Para o andamento desse trabalho, utilizou-se a método de abordagem Dialético, pois é um método de interpretação dinâmica da realidade. Admite que os fatos não podem ser considerados fora de um contexto social, político, econômico, etc. Este método aprofunda-se o mundo dos fenômenos através de sua ação recíproca, da contradição inerente ao fenômeno e da mudança dialética que ocorre na natureza e na sociedade.

Segundo Michel (2009, p. 52) A dialética é por definição:

a arte de discutir e , segundo a filosofia antiga, a argumentação dialogada. Pode-se melhor entendê-la como sendo um método válido para todas as formas de investigação e áreas do conhecimento, na medida em que ele é, por definição, a arte da discussão. A dialética define-se como método de uso geral, na medida em que, sendo verdade provisória e reformável, a investigação da verdade em qualquer ciência vai exigir do pesquisador um pensamento dialético, pois o homem avança quando se esforça para superar a si próprio.

Dessa forma, aquilo que se coloca perante o pesquisador como verdade deve ser contraditado, confrontando com outras realidades e teorias para se obter uma conclusão. Sendo assim, a dialética é a arte de dialogar, seja argumentando ou contra argumentando em relação aos assuntos.

Nesse contexto de uma abordagem dialética se faz o uso da pesquisa de cunho qualitativo, pois visa um maior contato entre o pesquisador e o instrumento a ser pesquisado. André e Ludke (1986, p. 11, grifo dos autores) frisam nas principais características da pesquisa qualitativa:

[...], tem o ambiente natural com sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento, [...] os dados coletados são predominantemente descritivos. O material obtido nessas pesquisas é rico em descrições de pessoas, situações, acontecimentos, [...] a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto, [...] o “significado” que as pessoas dão às coisas e à vida são focos de atenção pelo pesquisador, [...] a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo [...]

Esse tipo de pesquisa vai além dos dados quantitativos, abordando uma variedade de técnicas com a finalidade de apreender e interpretar os significados existentes no ambiente da investigação. A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto.

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, utilizou-se a Pesquisa-Ação, a qual foi realizada em uma escola estadual, zona central de Parintins. Os sujeitos que contribuíram para a pesquisa foram os professores da sala multifuncional, professores da classe comum do ensino regular e alunos com Transtornos do Espectro Autista. O resultado final foi uma intervenção



pedagógica, visando inclusive à superação das dificuldades de aprendizagem, tendo em vista a construção do conhecimento, e do saber por parte do educando. De forma dinâmica de ensinar, organizando seu aprendizado com a valorização do lúdico no seu processo de ensino e aprendizagem. De acordo com Michel a Pesquisa-Ação (2009, p. 43) “é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo”. O seu uso como forma metodológica possibilita aos participantes condições de investigar sua própria prática de uma forma crítica e reflexiva. Onde os envolvidos possam solucionar problemas abordados.

Para contribuir com a pesquisa citada a cima, o método de procedimento utilizado foi o estudo de caso, considerando que este procedimento tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada. Segundo os autores André e Ludke (1986), os estudos de casos possuem as seguintes características: visam a descobertas, enfatizam a interpretação em contexto, buscam retratar a realidade de forma complexa e profunda, usam uma variedade de fontes de informação, revelam experiência vicária e permitem generalizações naturalísticas, procuram representar os diferentes e às vezes confiantes pontos de vista presentes numa situação social, utilizam uma forma mais acessível do que os outros relatórios de pesquisas.

Os instrumentos de coleta de dados consistiram meios para a busca de informações. Na coleta utilizaram-se as seguintes técnicas: observação participante e entrevista semiestruturada, na qual “observar e entrevistar um fenômeno social significa que em um determinado evento social, simples ou complexos, tenha sido abstratamente separado de seu contexto para que, em sua dimensão singular, seja, estudadas em seus atos, atividades, significados, relações entre outros” (TRIVIÑOS, 2008, p.21). Por meio desses instrumentos obtivemos informações importantes para o andamento dessa pesquisa.

Os procedimentos da pesquisa organizaram-se nas seguintes etapas:

Na primeira etapa realizou-se um levantamento bibliográfico dos autores que falam sobre a temática abordada, para que pudessem ser encontrados os principais aspectos relacionados à pesquisa. Tendo o contato direto com obras, artigos e documentos que propiciem o diálogo e embasamento teórico sobre o tema de estudo.

A segunda etapa teve como objetivo a coleta de dados para a pesquisa, utilizando a observação participante e as entrevistas.



Na terceira etapa consistiram a análise dos dados, sistematização, correção e apresentação dos resultados obtidos na coleta de dados.

Contudo, a pesquisa foi realizada com todo compromisso de manter a postura social e ética em relação ao material coletado no decorrer da pesquisa, com o cuidado de não revelar informações que pudesse causar constrangimento ao sujeito da pesquisa. Garantindo assim que os resultados utilizados fossem somente para a finalidade deste trabalho de pesquisa.

Resultados e Discussão

Dificuldade dos professores da escolar regular: inclusão de um aluno com Síndrome de Asperger

A pesquisa realizada por meio de observação participante e entrevistas, feitas com os profissionais da educação nos possibilitou ter um novo olhar sobre o outro e ter uma visão diferente sobre a Síndrome de Asperger. Sabemos que a teoria traz aspectos diferentes da prática, pois muitos dos educadores não estão preparados para receber essas crianças em suas salas de aula, resultando em um ensino e aprendizagem pouco eficaz.

Mas de acordo com Política Educacional de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva tem como objetivo:

assegurar a inclusão escolar de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, orientando os sistemas de ensino para garantir: acesso ao ensino regular, com participação, aprendizagem e continuidade nos níveis mais elevados do ensino; transversalidade da modalidade de educação especial desde a educação infantil até a educação superior; oferta do atendimento educacional especializado; formação de professores para o atendimento educacional especializado e demais profissional da educação para a inclusão; participação da família e da comunidade; acessibilidade arquitetônica, nos transportes, nos mobiliários, nas comunicações e informações; e intersetorial na implementação das políticas públicas.(BRASIL,2008, p. 14)

Como foi citado a cima, necessitamos entender porque a teoria é diferente da prática. No que diz respeito à inclusão, os professores de Ensino Regular, apresentam como ideia geral a participação das crianças com necessidades educativas especiais em algumas atividades. Porém, receber o aluno com alguma deficiência na sala de aula não significa inclusão. O processo de inclusão nas escolas segundo Almeida (2016) dar-se na “necessidade do preparo do docente para conhecer o tipo de deficiência e a história de vida do aluno, sua relação com seus familiares e vice-versa; saber como trabalhar com outros alunos e com suas famílias, é este o contexto que chamamos inclusivo”.



Diante dessa questão formulamos algumas perguntas para os professores sobre as dificuldades e os desafios que são enfrentados por eles durante a convivência com o aluno da Síndrome de Asperger.

Como é o trabalho nesta escola e quais as dificuldades encontradas?

- Bom, trabalhar com a Educação Inclusiva sabemos que ainda é um desafio, e quando se fala principalmente Educação Especial na Perspectiva de Educação inclusiva muito mais ainda, por que na verdade a escola nunca está preparada para receber esses alunos com deficiência, a não ser quando ele chega, e depois que chegam que vamos conhecer suas limitações, qual é a dificuldade que eles tem de aprendizagem, de locomoção, então, a escola procura recebê-los todos bem, então nós como equipe; enquanto escola; escola como um todo, deve saber e ter conhecimento que na nossa escola temos alunos com necessidades educacionais especiais. Então procuramos fazer um trabalho em conjunto para que o nosso trabalho possa ser realizado com êxito. (PROFESSORA DA SALA MULTIFUNCIONAL, 2016)

- Na escola temos a sala de recursos, onde se realiza o atendimento educacional especializado (AEE) que elabora e organiza recursos pedagógicos, que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, de acordo com as suas necessidades. O professor da sala de recursos trabalha em parceria com o professor da sala de aula. As dificuldades são várias; mas a dificuldade maior é sobre a sala de aula que não está adaptada para os alunos com necessidades educacionais. (PROFESSORA DA SALA REGULAR, 2016).

De fato, a principal dificuldade apresentada pelos professores está relacionada as atividades diárias de trabalho podem possibilitar a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais, considerando as atividades voltadas para aprendizagem e assimilação dos conteúdos até então comuns a todos, sem cair no erro de considerar a presença deste aluno na sala como simplesmente oportunidade de socialização. Uma vez que em sua maioria não se consideram preparados para o trabalho com estes alunos.

Compreende-se que é importante a criança frequentar a escola. Pois, a escola inclusiva oferece uma vasta gama de experiências diversificadas, na qual as crianças têm oportunidade de aprender, relacionar e interagirem com as outras pessoas e trocar experiências, desenvolvendo assim competências de confiança e autoestima.

No entanto, para iniciar uma inclusão no ambiente escolar é necessário o conhecimento da política da educação inclusiva. Perante isso, formulou-se a seguinte pergunta para os professores da sala multifuncional e regular:

Você conhece a Política Educacional de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva

2008?

- Conheço. Diz que o aluno com necessidades educacionais especiais deve está incluído na sala regular, quais são essas crianças que devem participar do AEE, que são as crianças que tem a deficiência e os tipo de deficiência que são Transtornos Globais de Desenvolvimento, crianças com agora o Transtorno do Espectro Autista. Então eu tenho esse conhecimento, até porque nós devemos saber e ter o conhecimento dessa Política



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Educacional de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva 2008, e graças a Deus nós estamos respaldados com isso, nós sabemos, trabalhamos e colocamos as crianças nas salas de aula de acordo com a Política Educacional, é importante destacar também que não pode ter mais de um aluno com deficiência em uma única sala, mas na realidade isso não acontece. Geralmente as salas de aulas recebem mais de um aluno com necessidades. (PROFESSORA DA SALA MUNTIFUNCIONAL, 2016).

- Sim. A educação especial é entendida como uma modalidade transversal de educação, perpassada todos os níveis, etapas e modalidades, complementando o ensino regular, por meio de atendimento educacional especializado AEE (PROFESSORA DA SALA REGULAR, 2016)

Os professores embora concordem com a implementação e importância da inclusão na escola regular, em suas falas ainda percebe-se a pouca familiaridade com a temática abordada, reconhecem a necessidade das políticas voltadas para a igualdade e matrícula de todos na escola, mas consideram que a escola ainda não está preparada e um dos fatores que mais comprometem é o excesso de alunos por sala de aula, o que impede um atendimento satisfatório. Segundo Minetto (2008,p. 37):

Temos ainda hoje uma escola regular que não sabe bem como ensinar seus alunos “tradicionais”. Assim, vivemos um momento na educação em que coexistem a incapacidade da escola para ensinar todos os seus alunos e a presença de fato de alunos com deficiência que são estranhos para ela.

O que podemos ver nos relatos dos professores são problemas no alto número de alunos por sala de aula, falta de equipamentos, suporte e apoio especializado. Deixando a entender que o sistema nacional de ensino implementou a política de inclusão antes mesmo de preparar fisicamente e profissionalmente as instituições de ensino do nosso país. A escola não estando preparada para receber toda essa clientela de alunos, acaba por criar ideias errôneas sobre a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais voltadas apenas para o lado social e esquecendo-se de transmitir a construção do conhecimento.

É relevante enfatizar que a simples adequação do espaço físico não é garantia de qualidade interativa, mas, é necessário que os indivíduos que compõe o ambiente escolar criem estratégias que ajudem a criança com Síndrome de Asperger a ultrapassarem suas dificuldades de socialização. Um exemplo é a organização da sala do professor, para que esses alunos possam desenvolver suas competências com sucesso.

Portanto, na educação inclusiva, a equipe de profissionais de uma escola deve se preparar para enfrentar o desafio de oferecer uma educação com qualidade para todos os seus alunos. Visto que, cada aluno apresenta características próprias e um conjunto de valores e informações que os



tornam únicos e especiais, constituindo assim uma diversidade de interesses e ritmos da aprendizagem.

Intervenção Pedagógica com o uso do Lúdico

Esse tópico aborda os aspectos fundamentais na estruturação do lúdico na intervenção pedagógica, visando inclusive à superação das dificuldades de aprendizagem, tendo em vista a construção do conhecimento, e do saber por parte do educando. De forma dinâmica de ensinar, organizando seu aprendizado com a valorização do lúdico no seu processo de ensino e aprendizagem.

Durante os meses de observação, foi possível dar início a criação de vínculo com os alunos. Posteriormente, ao iniciar as atividades sempre direcionamos o olhar para a criança, falando de frente e na mesma altura, com ordens simples e com poucos comandos. Por meio das observações constantes nos atendimentos na sala multifuncional e das anotações realizadas, constatamos avanços significativos nas questões relacionadas à interação social, linguagem e comportamento.

É importante destacar que os participantes dessa intervenção foram três alunos com Transtorno do Espectro Autista, com grau diversificado de uma escola regular de Parintins. Para uma melhor compreensão, identificamos os sujeitos como:

Aluno A, 11 anos, apresenta um quadro de autismo grave. É uma criança bastante acomodada, sendo necessário chamar a atenção o tempo. Não demonstra agressividade com os colegas. Seu único interesse é pintar. Pratica a ecolalia, ou seja, repete mecanicamente as frases ou palavras que ouve.

Aluno B, 15 anos, tem autismo moderado, é uma criança tranquila, porém não aceita quando chamamos a atenção. Não é agressivo, no entanto destaca-se por suas habilidades artísticas: desenhar e pintar. Seu interesse pessoal é ser um super herói. Esse, por sua vez é falante, consegue manter um dialogo, mas não por muito tempo.

Aluno C, 11 anos, apresenta um quadro de Síndrome de Asperger, este é extremamente brilhante em Matemática, porém mal em outras disciplinas. Seu principal interesse é por dinossauros e super heróis. Não fala muito, interage pouquíssimas vezes com os colegas de sala e apresenta uma rotina rígida.

Os discentes realizavam atendimento nas quartas e quintas feiras, onde a pesquisadora e a psicopedagoga utilizavam o lúdico na forma de jogo, brincadeira ou brinquedos. Observou-se em



cada atendimento um progresso dos alunos. Foram utilizados: quebra-cabeça, jogo da memória, desenho, pintura, atividades no computador, vaivém, bilboquê, jogo da velha, caça-palavras, bola, pescaria, massinha de modelar entre outros.

No entanto, a pesquisadora e a psicopedagoga resolveram apostar em algo novo, uma atividade que todos os alunos atendidos na sala multifuncional pudessem realizar ao mesmo tempo.

Então, pensou-se em uma peça teatral.

Segundo Brasil (1998, p. 57):

O ato de dramatizar está potencialmente contido em cada um, como uma necessidade de compreender e representar uma realidade. Ao observar uma criança em suas primeiras manifestações dramatizadas, o jogo simbólico, percebe-se a procura na organização de seu conhecimento do mundo de fora integradora. A dramatização acompanha o desenvolvimento da criança como uma manifestação espontânea, assumindo feições e funções diversas, sem perder jamais o caráter de interação e de promoção de equilíbrio entre ela e o meio ambiente. Essa atividade evolui do jogo espontâneo para o jogo de regras, do individual para o coletivo.

Pensando em todos esses benefícios que a dramatização pode proporcionar a pessoa, optamos por essa atividade lúdica, visando a plena integração dos alunos. No início, houve dificuldade em conciliar os horários dos alunos, pois cada um estudava em horários diferentes, dificultando o acesso aos ensaios. Então conversamos com os pais dos alunos, pedindo ajuda na organização da peça e a presença dos filhos nos dias de ensaio. Foram muitas as barreiras, mas no dia 09 de dezembro de 2015, a sala de recurso multifuncional apresentou a peça “o Leão e o Ratinho” onde todos os personagens da dramatização eram alunos com alguma necessidade educacionais especiais. A peça foi assistida por todos os alunos, pais e professores. Um verdadeiro sucesso de apresentação.

Após o período de atendimento, pode ser verificada uma evolução significativa dos alunos, apresentadas no quadro abaixo:

		CARACTERÍSTICAS DA PRÉ-INTERVENÇÃO	PROCEDIMENTOS	CATACTERÍSTICAS DA PÓS INTERVENÇÃO
Categoria	Aluno			
Interação social		-irritabilidade ao contato físico;	-atividades que estimulam a aproximação e o contato físico como: contação de histórica, dramatização, vaivém.	- contato físico com mais frequência
Pessoas com TEA apresentam interesses sociais ausentes, reduzido ou atípico,	A	-contato visual ausente		-contato visual em alguns momentos nas atividades



manifestado por rejeição, passividade ou abordagens inadequadas que pareçam agressivas ou disruptivas. (DSM-V, 2013)	B	-mantém o contato visual, mas a princípio não permite o contato físico.	- atividades que estimulam a aproximação e o contato físico como: dramatização, xadrez, vaivém, xadrez.	-manteve-se estável; -permite o contato físico.
	C	-contato visual ausente; -relaciona-se com pessoas de forma desajeitadas	- atividades que estimulam a aproximação e o contato físico como: jogo da velha, dramatização, cantiga de roda, xadrez, jogo da dama.	-manteve-se estável; - permite o contato físico com mais frequência.
Comunicação As pessoas com TEA Apresenta têm déficits de linguagem as quais variam de ausência total da fala, passando por atrasos na linguagem, compreensão reduzida da fala, fala em eco até linguagem explicitamente literal ou afetada. (DSM-V, 2013)	A	-não faz uso da fala, costuma se expressar por gestos e apontando.	-atividades com: fantoche, teatro, contação de história, desenhos.	- começou a fazer uso da fala, respondendo quando não quer algo: “não”, e a dizer algumas palavras como: amarelo, rosa, água, entre outras.
	B	-Apresenta vocalização com intenção comunicativa	-atividade que estimule a troca de informações como: roda da conversa, dramatização, desenho e pintura.	-começou a compartilhar algumas informações e interesse com os demais colegas
	C	-apresenta vocalização com intenção comunicativa	-atividades com: fantoche, teatro, contação de história, desenhos.	-começou a compartilhar algumas informações e interesse.
Comportamento Comportamento e padrões restritos de interesses e atividades repetitivas e estereotipadas (CID-10)	A	-apresenta movimentos estereotipados nas mãos.	-atividades que estimule a motricidade, raciocínio: jogos de encaixe, coelhinho saída toca, boliche, pintura.	-seus padrões restritos e movimentos estereotipados diminuíram.
	B	-pouca compreensão das atividades; -apresenta movimentos estereotipados nas mãos.	-atividades que estimule o movimento do corpo e o raciocínio lógico: coelhinho sai da toca, jogos de quebra-cabeça e sequencia lógica.	- apresenta iniciativa em algumas brincadeiras. -movimentos estereotipados diminuíram.
	C	-não apresenta iniciativa para começar uma brincadeira	-atividades que estimule a socialização: dramatização	-apresenta iniciativa em algumas atividades

Quadro baseado do trabalho: Aplicação de um programa de atividade psicomotoras de caráter lúdico-recreativo em crianças autistas. (SANTOS, FAUSTINO, ZENGO, MACEDO, 2012).



Analisando os dados apresentados no quadro a cima, podemos observar que houve pequenas evoluções nas áreas de interação social, comunicação e comportamento, sendo importante no âmbito do transtorno autista.

Desse modo, possibilitamos que esses indivíduos realizem atividade do começo até o fim ou pelo menos no maior tempo possível. Cabe enfatizar que o mesmo jogo brinquedo ou brincadeira podem ser utilizados para estimular diferentes áreas de comprometimento das crianças.

Nesse sentido o ambiente na qual as crianças foram inseridas, a utilização do lúdico, foi fundamental para que essa evolução se tornasse real. Acredita-se que essas evoluções ocorram devido o prazer que as atividades lúdicas proporciona, juntamente com o fato de manter ao máximo, a criança envolvida na atividade.

Conclusão

O profissional que trabalha ludicamente com pessoas com necessidades educacionais especiais, inclusive com Asperger, deve buscar constantemente, conhecer, entender e trabalhar com as dificuldades encontradas no processo ensino e aprendizagem dessas crianças, assim como buscar atualizar suas práticas pedagógicas, visando acima de tudo oferecer uma educação de qualidade, contribuindo assim para a melhoria do desenvolvimento integral dessas pessoas.

As atividades foram organizadas e planejadas com o objetivo de causar na criança prazer e satisfação. Elas começam a interagir com as atividades lúdicas de forma espontânea, assim estabelecem relações com a realidade e o mundo em que vivem. É nítido observar, a expressão de alegria e o envolvimento que a criança mantém durante a intervenção. Desse modo, o professor da sala regular pode utilizar essas atividades como instrumento pedagógico e contribuir na inserção educacional e no convívio social desses sujeitos.

Indicando assim a necessidade do profissional da educação inclusiva que atua no ensino regular considerar a criança como um ser concreto, que pensa, sente, fala, é ativo com plenas condições de desenvolver as mais variadas habilidades. Precisando ser vista como um ser que é capaz de aprender, desde que respeitando o seu ritmo. Pois, no cenário da educação, é importante que o educador reveja sua postura pedagógica e a sua prática, uma vez que nada é pronto e acabado.

As abordagens teóricas que serviram de subsidio para a realização da pesquisa, apontam que a construção do saber a partir do lúdico proporciona excelentes resultados para a criança com a Síndrome de Asperger, pois contribui para expandir a imaginação, adquire motivação podendo aprender muito mais do que através de qualquer método de ensino.



Pelo exposto, pretende-se que esta pesquisa possa contribuir para que o profissional da educação que atende essa clientela procure converter os métodos tradicionais, em favor de aulas motivadas por meio do lúdico, buscando assim alternativas pedagógicas diversificadas, levando o aluno a ser participante da construção do próprio saber dando assim, um significado verdadeiro no processo de ensino e aprendizagem do aluno Asperger no ensino regular.

Referências

ALMEIDA, A. **Ludicidade como instrumento pedagógico**. Disponível em: <<http://www.cdof.com.br/recrea22.htm>>. Acesso em: 12 Dezembro. 2016.

AMORIN, Leticia. **Descomplicando a Síndrome de Asperger**. Autismo informação gerando ação. São Paulo, v. 1, nº 1, p. 33, abril 2011.

ANDRÉ, Marli E. D. A.; LUDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

BRASIL. **Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasil: MEC/SEESP, janeiro de 2008.

Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental **Referencial curricular nacional para a educação infantil**/ Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. __ Brasília: MEC/SEF, 1998.

MALUF, Ângela Cristina Munhoz. **Atividades Lúdicas para Educação Infantil: conceitos, orientações e práticas**. 2. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MINETTO, Maria de Fátima. **Currículo na educação inclusiva: entendendo esse desafio**. 2.ed.rev.atual.ampl. Curitiba: Ibpx, 2008.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo da Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2008.